

CORPO E BIOTECNOLOGIA: a indagação das fronteiras humanas em Stelarc

SIMON, Cristiana Liebold

Bacharel

UFRGS

cristiana.simon@gmail.com

GONÇALVES, Sandra Maria Lúcia Pereira

Doutora

UFRGS

sandrapgon@terra.com.br

RESUMO

Resultado de pesquisa monográfica, este artigo analisa os conceitos contemporâneos que norteiam a proposta artística do australiano Stelarc, e a sua visão do corpo humano, tendo como linha condutora a relação entre corpo, biotecnologia e arte. A intenção é contribuir para a discussão sobre o comparecimento da tecnologia como agente acelerador das inquietações do homem contemporâneo para com o seu corpo, tendo a produção artística de Stelarc como um exemplo desse fenômeno. O conceito de corpo é investigado nesse processo. Por fim, esse conceito é aplicado à produção artística de Stelarc na análise do pressuposto basilar de sua obra: “o corpo humano é obsoleto”. O resultado obtido é a verificação do corpo como local de reflexão e da arte como entidade que promove, antecipa e expõe essa reflexão através do debate da crescente presença da tecnologia em todos os âmbitos da vida.

Palavras-chave: Stelarc. Corpo. Biotecnologia. Arte.

1 INTRODUÇÃO

Resultado de pesquisa monográfica, este artigo tem como tema a ótica do australiano Stelios Arcadiou - Stelarc - sobre corpo humano. Esse artista apresenta-se no campo da chamada *body art* cibernética com uma vasta produção teórica e performática, sempre buscando apontar as deficiências do corpo humano e sua crescente - e consequente - “obsolescência”. A partir de um estudo analítico do corpo tendo como recorte a sociedade contemporânea ocidental, buscaremos identificar que características Stelarc atribui como sintomáticas para a associação do corpo humano a uma estrutura obsoleta. Analisaremos aqui o caminho feito pelo artista dentro de um campo conceitual apoiado em e fundamentado por questões como o crescente avanço das biotecnologias, da engenharia genética, da medicina e da ciência e procuraremos investigar como essas questões influenciam a obra de Stelarc, apontando que elementos o australiano retira delas para usar como cimento de seu trabalho.

Nosso interesse pelo tema nasce da observação de uma intensa abordagem do corpo na mídia contemporânea. Percebe-se aí o corpo como elemento central e orientador de preocupações. E é, de fato, uma inquietação justificada, pois é nele que os processos sociais se dão a ver. É na superfície - Stelarc dirá “interface” - do corpo que as relações sociais acontecem.

Este estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica que inclui Francisco Ortega (2008), Ieda Tucherman (1999), Paula Sibilia (2002) e Lucia Santaella (2003, 2004) como orientadores no desdobramento do tema. Utilizaremos ainda declarações de Stelarc retiradas de seu *website* oficial, entrevistas e eventos em que o artista esteve presente, além de outros materiais de fonte teórica. Evidenciaremos nessa apresentação aspectos gerais da produção artística de Stelarc, assim como faremos um desdobramento do corpo como estrutura orgânica obsoleta, conforme a premissa do artista. Espera-se, por fim, alcançar um entendimento da proposta artística de Stelarc e do viés biotecnológico e pós-humano por ele demonstrado.

2 CORPO: CONDIÇÃO E INSTRUMENTO DE VIDA

Lugar da medicina, da antropologia, das mais variadas expressões culturais e de receios e fantasmas, o corpo é o elemento central de uma inescapável história de finitude. Berço da vida, é também o que nos torna mortais. Essa “condição corporal”¹ que permeia a existência humana revela a fragilidade de sua composição. A materialidade do corpo surge nas referências à “rudez da carne”², ao seu aspecto palpável e corruptível. Aparece também no corpo que se contamina ao ser tocado pelo desconhecido, e mesmo no que se antecede, sentindo medo de falhar. Entende-se o corpo humano como uma configuração orgânica, um sistema integrado em que uma única desordem pode causar sua inércia.

Há, em primeiro lugar, um invólucro da pele, dentro do qual se aninha um aparato físico-fisiológico, uma espécie de caixa semifechada de carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos. Esse é o real do corpo, o corpo que o humano compartilha com o animal, um corpo que sofre vicissitudes do tempo, sobrevive, sente dor, adoece, envelhece, morre (SANTAELLA, 2004 p. 141).

De um lado, existe um corpo perecível, entregue à sua própria genealogia. Esse corpo, exposto à corrupção e tido como único paradeiro, necessita de cuidados e constantes atualizações de modo a se manter íntegro pelo maior tempo possível. Debatermos, por outro lado, com um corpo ainda não corrompido pelo tempo, cultuado na publicidade e venerado em diferentes mídias visuais. É um corpo de esbeltas formas e acentuada potência física e sexual, de células jovens e saudáveis, em que nada parece escapar ao controle.

Nisso, anseia-se para o corpo uma moldagem eficaz e bela, um lar que possa lhe servir e que suporte riscos e impactos a que nossa matéria está submetida diariamente. Busca-se um corpo que acompanhe a subjetiva e íntima jovialidade da alma e suas ambições terrenas. E é importante perceber que não é do corpo, especificamente, que esses questionamentos existenciais emanam, mas em direção a ele. Hoje o homem procura, por meio da ciência, da medicina e da tecnologia, um envoltório que acolha seus desejos mais (e menos) humanos: o “equipamento de vida”³ perfeito; um corpo (re)construído pelas biotecnologias nascentes, maleável e dócil. Há, nessa desesperada tentativa de superação, uma pretensão de ordem transcendental: o homem não quer morrer.

Essa dificuldade do ser humano em ultrapassar a percepção estética do corpo e, por sua vez, buscar conciliá-la ao ciclo natural de vida e de envelhecimento, entendendo a morte como parte deste ciclo, é o que sustenta o avanço das tecnologias da imortalidade. “Vivemos a época de efervescência das ‘tecnologias da vida’. A morte

parece deixar de ser uma condição da vida, tornando-se uma fronteira relativa ao avanço potencialmente infinito da tecnobiologia” (GONÇALVES, 2009, *online*).

A incorporação de todo tipo de próteses, assim, delineia cada vez mais uma sutil interface entre corpos e máquinas. “Entregue às novas cadências da tecnociência, o corpo humano parece ter perdido a sua definição clássica e a sua solidez analógica: inserido na esteira digital, ele se torna permeável, projetável, programável” (SIBILIA, 2002, p. 18). Vemos, no lugar do horror, a “sedução nos novos corpos que surgem como realização da promessa tecnológica.” (TUCHERMAN, 1999, p. 154).

A crise do corpo como entidade orgânica coloca em xeque os limites e a estabilidade que sustentavam a noção moderna de corporeidade. Se as novas tecnologias prometem uma vida expandida, como lidar com essa promessa em confronto com nossa humanidade e com aquilo que, desde sempre, expressou nossa natureza orgânica? E mais, se surgem novos conceitos ligados a essa mesma organicidade, que julgávamos perpetuada, como lidar com o que estamos deixando de ser?

3 O CORPO SOB O DOMÍNIO DE SEU TEMPO

A ideia do corpo (re)construído para além de sua naturalidade, pensado como uma estrutura evolutiva, está intimamente ligada ao pensamento de uma sociedade que o acomoda dessa forma, assim como também relaciona-se às suas tradições e à velocidade com que essa sociedade respira suas próprias descobertas. Dar ao organismo uma dimensão menos orgânica e mais híbrida parece ser a prerrogativa de Stelarc, artista para quem a nossa composição material é, na verdade, responsável pelo “aprisionamento do corpo”:

Pode parecer poético quando eu falo do obsoletismo do corpo humano atual, mas a visão que eu tenho não é utopia. Se já se pode fertilizar fora do corpo humano e alimentar um feto fora do útero feminino, então - tecnicamente falando - podemos ter vida sem nascimento. E se até podemos substituir partes do corpo humano que funcionam mal e colocar lá componentes artificiais, então - mais uma vez, tecnicamente falando - não há necessidade de morte. Chegamos a uma situação em que a vida já não é mais condicionada pelo nascimento e pela morte. O corpo não necessita mais ser “reparado”, pode simplesmente ter partes substituídas (STELARC, 2001, *online*, tradução nossa).

Essa discussão e o proposto redimensionamento do corpo são resultantes de questionamentos de caráter biológico e tecnocientífico, mas também de ordem filosófica e de uma visão secular e transitória da corporeidade, necessariamente vinculada à sua época. O corpo precisa ser dissecado a partir de uma reflexão

interdisciplinar. A construção de um pensamento sobre ele deve ser regida pelas possibilidades proporcionadas pelo período histórico e social ao qual ele pertence, dentre elas os costumes, a ciência, a medicina, a religião, a política, as artes e a cultura. Falar dele, portanto, passa também (e principalmente) por uma abordagem do que acontece fora dele, ao seu redor. É na pele que as relações sociais emergem. “[...] O corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história” (SANT’ANNA, 1995, p. 12).

Na Idade Média, nascer em uma era cristã não significava nascer cristão. Assumir a fé em Cristo e aceitá-la como guia correspondia a uma experiência de transformação em que o corpo funcionava como alvo de sacrifícios e penitências. Esse processo de purificação começava no batismo e deveria acompanhar o cristão por toda a sua vida, em um rompimento das relações da carne com o lugar, com os afetos individuais e os prazeres.⁴ Era uma renúncia ao erotismo.

O corpo cristão medieval era um corpo violentado. Se bem governado, servia como caminho para a redenção, tornando-se escravo da salvação pós-vida. Gregório Magno⁵, no limiar do medievo, chegou a qualificar o corpo como “abominável vestimenta da alma”. Nessa época também, os monges, ao servirem como modelos de vivência para quem aspirava à vida sacra, mutilavam seus corpos, expondo-os ao jejum e ao suplício.

Ao contrário do homem cristão e também com libertárias diferenças em relação ao homem moderno, o indivíduo contemporâneo é ele, o seu corpo. Ele desvenda seus cantos, usos; é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de suas edificações corporais. “Ele não apenas habita este corpo para o usufruto futuro de um paraíso prometido; o mundo das mercadorias, das drogas eletrônicas, das tecnologias biomédicas tornou-lhe o paraíso acessível no aqui e agora [...]” (GONÇALVES, 2009, *online*). A salvação contemporânea, transcendental e expandida, está em descobrir-se, desvelar-se e ver o fenômeno estético acontecer na própria carne.

A virada na forma de entendimento do corpo - que de um instrumento para atingir a salvação passou a ser ele mesmo a salvação terrena - começou a dar-se na reforma protestante, que aquece a erosão do poder teocrático da Igreja Católica. Preconiza-se, nos argumentos protestantes, uma relação direta com Deus pela leitura da Bíblia, o que contribui para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo.

O comportamento individualista surge como ânsia, como desejo de aproveitar a vida. Há urgência no usufruto dos prazeres, inclusive os da carne. O ideal renascentista

nasce então com a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e à supervalorização da alma sobre o corpo. “Se a época teocrática investia numa utopia espiritual após a morte, a sociedade agora investe na utopia material em vida. É possível a felicidade, o prazer, a alegria antes da morte” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 26). E essa felicidade poderia agora ser buscada através de uma valorização mais ampla da pele, do tato e da beleza corporal.

Nas artes, o corpo é retratado de forma mais realista. Os estudos sobre a anatomia humana realizados através da prática da dissecação de cadáveres instituem um modelo de arte baseada na investigação, no embasamento científico do corpo. Temos, então, um corpo aberto, esquadrinhado. Além disso, o cientificismo moderno desmitifica o bom funcionamento do corpo como uma graça divina. O corpo humano passa a pertencer ao homem, na transição de uma dinâmica social teocêntrica para uma organização antropocêntrica.

A imagem que se cria do corpo é a de um artifício cultural que deve ser preparado para o espaço social. Não é o corpo cru, mas o corpo do já cozido. Como nos lembra Bragança de Miranda: *‘Corpo próprio, propriedade do corpo, tudo isso são características da maneira como o contratualismo moderno fez de cada ‘sujeito’ o proprietário legítimo de sua carne’* (MIRANDA apud TUCHERMAN, 1999, p. 86).

As descobertas modernas atingiram uma velocidade cada vez maior, atuando como forças desestabilizadoras do tempo. O próprio ideal humanista, e por vezes sua mórbida curiosidade, colocou o espaço, e também o corpo inserido nesse contexto, em um processo de desterritorialização que se acentuou, e continua evoluindo na contemporaneidade.

4 A CRISE DO CORPO

A experiência da modernidade (TUCHERMAN, 1999) proporcionou uma revolução vital no pensamento ocidental, porém, algo, talvez irrecuperável, foi perdido no caminho, engolido e desqualificado pela velocidade dos acontecimentos: a noção do real e do que é organicamente possível. Quando a modernidade desembocou, por fim, no que se chama de pós-modernidade - ou mais exatamente, de contemporaneidade - a organicidade do ser humano e a sua própria humanidade entrou no centro dos debates.

As revoluções tecnológicas configuraram um tempo onde as coisas acontecem antes de terem sido desejadas. O novo valor de investimento do nosso mais imediato ontem é também o nome da

angústia do nosso hoje, já que nos inclui na pergunta: Que humanos somos nós? A que nova raça pertencemos? O que é hoje a nossa corporeidade. Modifica-se o ambiente, a questão e os afetos: agora não se trata apenas do que podemos ser ou fazer, mas também, e principalmente, se podemos controlar aquilo que faremos e o resultado do que fizemos. Curiosamente, nossos poderes escapam de nossos poderes. E, como um mote, atingem-nos diretamente na carne, isto é, naquilo que o corpo protegeia (TUCHERMAN, 1999, p. 17).

A crescente intersecção da cultura com a tecnologia colocou o corpo em problematização a partir do momento em que questiona o seu lugar no mundo, seus limites, suas fronteiras e funções.

Em uma era de possibilidades ilimitadas, o corpo se torna uma medida do excesso, uma medida da possibilidade de ir além de si mesmo e se suas limitações físicas. Esse é o fenômeno de hibridização do corpo com as tecnologias: o ciborgue, o organismo tecnologicamente estendido que liga ritmos biológicos e o universo midiático atravessado por fluxos de informação. É esse corpo que venho chamando de biocibernético, um corpo ciborgue, cujo organismo está tecnologicamente estendido: um corpo que começa na esfera biológica e nunca termina na medida em que se estende pelos pontos mais distantes do raio de ação dos sensores e recursos de conexão remota (SANTAELLA, 2004, p. 75).

Sofrendo e refletindo, assim, os sinais de uma complexidade tecnológica crescente, o corpo humano começa a passar por transformações que se mostram suficientes para afetar todas as suas dimensões, desde o fisiológico até o sensorial, afetivo e mental.

5 STELARC E O CORPO OBSOLETO

“O corpo está obsoleto. Estamos no fim da filosofia e da fisiologia humana. O pensamento humano recua para o passado” (STELARC, *site* oficial, tradução nossa). Para o artista performático australiano Stelarc⁶ - ou, mais formalmente, Stelios Arcadiou -, o corpo é uma estrutura “biologicamente inadequada” (STELARC, *site* oficial, tradução nossa), fadada ao fracasso caso não se renda às possibilidades de expansão física e cognitiva proporcionadas pela tecnologia através de próteses robóticas e biotecnológicas. O artista engloba em suas performances ideias multidisciplinares materializadas em emaranhados de fios, dispositivos tecnológicos, estudos de inteligência artificial, anatomia, e entrega-se aos avanços da ciência para provar que suas obras são possíveis de aplicação no real (ou na realidade) e que são

reverberações de uma crescente perda de humanidade do homem.

A vulnerabilidade dos sistemas orgânicos e as limitações físicas e cognitivas do corpo - “que adoece, morre, sente a mudança das estações, se cansa, necessita de cuidados contínuos, como alimentação, hidratação e repouso, e não consegue assimilar e armazenar a quantidade e variedade de informações produzidas” (PIRES, 2005, p. 95-96) - não permitem que o homem acompanhe e absorva suficientemente os produtos da rápida evolução científica e tecnológica. Segundo Stelarc, o corpo - sua composição física - deveria ser constantemente atualizado.⁷ Isso possibilitaria a absorção e a utilização da quantidade de informações que recebe do ambiente externo a seu favor.

Stelarc iniciou sua carreira em 1968, época em que criou os primeiros “ambientes de imersão virtual da história da arte” (LABRA, 2007, *online*). Quase uma década depois (de 1976 a 1988), o artista ficou conhecido por realizar performances de suspensão⁸ ao ar livre e em galerias de diversos países, como Dinamarca, Japão (figura 1, abaixo), Estados Unidos e Austrália. Nessas apresentações, o objetivo era testar as fronteiras físicas do corpo: puxá-lo, esticá-lo, rasgá-lo, modificá-lo.

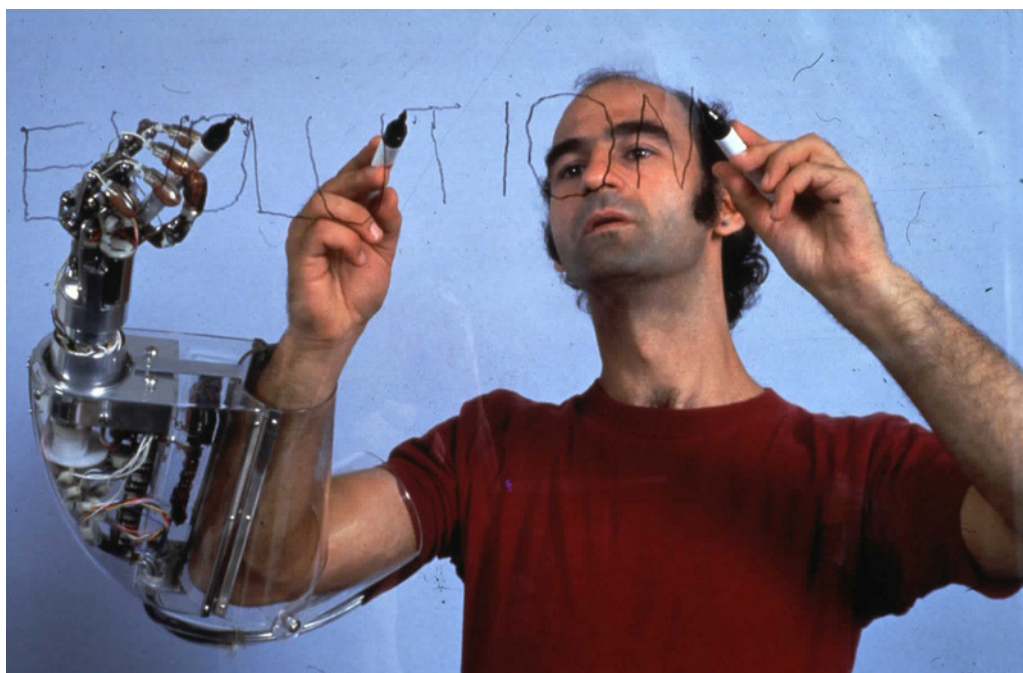
Figura 1: *Sitting / Swaying Event for Rock Suspension*, performance de suspensão realizada na Tamura Gallery, em Tokio, em 11 de maio de 1980.



Fonte: site oficial de Stelarc: web.stelarc.org.

As apresentações seguintes de Stelarc partiram para um caminho diferente do seguido com as suspensões e passaram a buscar possíveis “rearquiteturas” para as funções motoras do corpo. As performances envolveram a criação de uma terceira mão robótica (*Third Hand*, na figura 2, abaixo), um terceiro braço robótico (*Extended Arm*) e uma máquina de andar semelhante a uma aranha, com seis pernas pneumáticas controladas através dos movimentos dos braços de Stelarc (*Exoskeleton*). O artista buscou na robótica aplicada ao corpo soluções para questões primárias, como, por exemplo, a dificuldade de dominar a escrita com ambos os braços ou a (baixa) velocidade de locomoção de nossas pernas. Houve, além disso, uma preocupação de ordem hierárquica: por que os braços - e seu movimentos - não poderiam ocupar um lugar de comando sobre os movimentos das pernas? Seria possível que esse comando não fosse exclusivamente uma atividade cerebral?

Figura 2: *Handwriting - Evolution*, performance de apresentação do projeto *The Third Hand*, na Maki Gallery, em Tokio, em 22 de maio de 1982.



Fonte: site oficial de Stelarc: web.stelarc.org.

Em 2007, Stelarc foi ainda mais além, causando controvérsia ao realizar um projeto pelo qual lutou por quase dez anos: o implante de uma orelha no próprio antebraço esquerdo, na obra batizada de *Ear on Arm* (figura 3, abaixo). A orelha era

uma prótese de cartilagem produzida a partir de DNA humano. A demora para a execução do projeto deu-se porque o artista teve grande dificuldade para encontrar um cirurgião que se dispusesse a realizar a cirurgia. Não havia uma necessidade clínica que justificasse a operação⁹, o que despertou um debate ético no meio. O que estava em jogo novamente na “obra” de Stelar era o reordenamento do corpo. Esperava-se, com o trabalho, aplicar mobilidade a uma parte do organismo já acomodada. O artista nunca chegou a passar da etapa de construção da forma de uma orelha sob a pele do braço. Até o momento, a terceira orelha do artista não faz parte de um aparelho auditivo, ou seja, não desempenha a função auditiva.

Figura 3: *Ear on Arm* (2007).



Fonte: site oficial de Stelarc: web.stelarc.org.

Representante de uma corrente da ciberarte denominada *body art* cibernética,

Stelarc explora e prolonga a noção de corpo e a sua relação com a tecnologia por meio de “máquinas de interfaces humanas que incorporam imagens médicas, próteses, robôs, sistemas de realidade virtual (*VR Systems*) e internet” (STELARC, *site* oficial, tradução nossa). Seu interesse está principalmente em experimentos alternativos que demonstrem quais as possibilidades de o corpo alcançar uma dada expansão motora, sensorial e cognitiva. Para Stelarc, o corpo é um espaço a ser esculpido - não esteticamente, mas funcionalmente -, uma mídia de experiência. Stelarc testa a materialidade do corpo - do seu próprio corpo - usando conceitos retirados da arte contemporânea, da ciência e de dispositivos tecnológicos. A partir do seu trabalho, o artista propõe um *redesign* do corpo humano, que para ele apresenta falhas básicas de engenharia (STELARC, 2001).

O corpo não é uma estrutura muito eficiente nem muito durável. Ele geralmente funciona mal e cansa rapidamente. Seu desempenho é determinado pela sua idade. É suscetível à doença e está condenado a uma morte certa e precoce. Seus parâmetros de sobrevivência são muito pequenos - só pode sobreviver semanas sem alimento, dias sem água e minutos sem oxigênio (STELARC, *site* oficial, tradução nossa).

Nesse sentido, os espaços híbridos e eletrônicos propostos por Stelarc reestruturariam a arquitetura do corpo e multiplicariam a sua liberdade operacional. Em uma entrevista concedida à produtora *Contemporary Arts Media*, da Austrália, Stelarc complementa:

Aqui [em sua produção artística] temos a arquitetura biológica do corpo, e quando você adiciona tecnologia a ele, você pode estender tipos de habilidades operacionais.

O corpo é visto como uma estrutura; não como um tema, mas como um objeto; não como um objeto de desejo, mas possivelmente como um objeto de *design*. [...] O corpo visto aqui é visto como um meio de escultura, inserido no espaço entre outros elementos esculturais. [...] O corpo não é visto como uma personalidade ou um gênero¹⁰, e sim como uma arquitetura evolutiva (STELARC, 2005, *online*, grifo do autor, tradução nossa).¹¹

Para Stelarc, na era pós-humana, o corpo chega a um momento histórico e cultural em que sua definição aparece difusa - e confusa - em meio à velocidade e à rarefação do tempo. Mas não somente isso. Alcançamos um momento na história da humanidade em que as nanoengenharias e as biotecnologias são desenvolvidas de forma rápida justamente para atender às necessidades e aos desejos de um corpo que já não é mais essencialmente humano, mas pós-biológico. Em uma passagem de seu *website*, o artista chega a afirmar a ideia de que o ser humano é hoje, inevitavelmente, zumbi e

ciborgue ao mesmo tempo, pelo fato de se alimentar de uma noção de humanidade e corporeidade já inaplicável, mas, em contrapartida, não absorver uma realidade que já está presente - e que sempre esteve, na verdade, em maior ou menor grau: nós sempre estivemos ligados à tecnologia.

Nós não deveríamos ter um medo Frankensteiniano de incorporar a tecnologia ao corpo, e nós não deveríamos considerar nossa relação com a tecnologia de uma maneira faustiana - como se nós estivéssemos de alguma forma vendendo nossas almas porque estamos utilizando energias proibidas. Minha crença é de que a tecnologia é, e sempre tem sido, um apêndice do corpo (STELARC, 1995, *online*).

Para a pesquisadora Lucia Santaella (2003), um dos grandes dilemas da noção contemporânea de “ser humano” está vinculado diretamente - e de forma incondicional - às mudanças pelas quais o corpo humano vem passando. Segundo Santaella, o imenso potencial de integração entre a robótica, a engenharia genética e redes neurais levam-nos a crer que, de fato, estamos nos aproximando de um momento em que a distinção entre vida natural - úmida e orgânica - e a artificial - fruto de uma hibridez biotecnológica - não terá mais pilares em que se sustentar (SANTAELLA, 2003).

A verdade, segundo Stelarc, é que as barreiras que definem a condição humana - a vida, começando no nascimento, e a morte - já foram quebradas. Já podemos fertilizar um óvulo fora do útero e nutrir o feto em um ambiente artificial. Sem uma gestação natural, tecnicamente, não haverá um nascimento. E se o corpo receber uma nova reconfiguração que o modele acessível à substituição de “peças com defeito”¹², não haverá razão para a morte:

A morte não autentica a existência. Ela é uma estratégia evolutiva ultrapassada. O corpo já não precisa ser reparado, mas poderia simplesmente ter partes substituídas. Prolongar a vida já não significa “existir” mas sim “estar operacional”. Os corpos não precisam envelhecer ou deteriorar-se, não iria falir, nem mesmo cansar, pois eles seriam, em seguida, reiniciados - possuindo tanto o potencial de renovação e reativação (STELARC, *site oficial*, tradução nossa).

Para Stelarc, a tecnologia serve como um fio condutor e um inevitável agente catalisador do processo de “ciborguização” do homem; é através dela que o corpo deverá receber uma nova arquitetura. O artista assegura que a importância da tecnologia em suas obras, assim como a da ciência, pode ser constatada não apenas no poder que ela atribui a quem a apreende e domina, mas também no ambiente de abstração que ela gera através da sua velocidade operacional. Os corpos, quando em

contato com interfaces tecnológicas e digitais, não raro “saem de órbita”, atingem um nível de distração que os desconecta da realidade e conecta em outro espaço. Para Stelarc (STELARC, *site* oficial, tradução nossa), “a tecnologia pacifica o corpo e o mundo, e desconecta o corpo de muitas de suas funções. Distraído e desligado, o corpo só pode recorrer à interface e à simbiose”, tendo estas como um desdobramento fatal de sua conexão.

Assim como sugere a extensão das capacidades e habilidades terrestres do corpo através de uma hibridização homem-máquina/orgânico-sintético, Stelarc acredita que essa simbiose também ampliará a liberdade de trânsito do homem pós-humano, inclusive com a possibilidade de locomoção e vida em ambientes extraterrestres. O artista desenvolve sua obra com olhos voltados para essa evolução defendendo que o homem contemporâneo resiste à ideia de se tornar uma máquina úmida, resultante de sua integração com a biotecnologia, mas que sua mobilidade é afetada justamente pela configuração orgânica do corpo, não permitindo seu livre fluxo por ambientes de temperaturas e condições atmosféricas diferentes da Terra. Mesmo dentro das fronteiras do planeta, uma acessibilidade incondicional é impossível. Stelarc atribui essa incapacidade humana à pele:

Fora da Terra, seria difícil sustentar a complexidade do corpo, sua maciez e umidade. A estratégia deveria ser esvaziá-lo, endurecê-lo e desidratá-lo para torná-lo mais durável e menos vulnerável. A atual sistematização do organismo é desnecessária. A solução para modificá-lo não é encontrada em sua estrutura interna, mas reside simplesmente em sua superfície. A solução é nada mais do que profundidade da pele (STELARC, *site* oficial, tradução nossa).

Ainda:

A evolução futura irá ocorrer com uma mudança de pele. Se pudéssemos engenhar uma pele sintética, que pudesse absorver oxigênio diretamente através de seus poros¹³ e converter luz em nutrientes químicos eficientemente, poderíamos reformular radicalmente o corpo, eliminando muitos dos seus sistemas redundantes e dos órgãos defeituosos. Um corpo oco seria um melhor anfitrião para os componentes tecnológicos (STELARC, *site* oficial, tradução nossa).

Dessa forma, o artista acredita que o corpo deve começar a ser preparado para uma possível colonização do espaço. Para ele, a grande força que agirá sobre o corpo não será (mais) a gravidade, mas a informação. Quando Stelarc fala em um “corpo

obsoleto” (STELARC, *site* oficial), refere-se ao corpo inerte, paralisado frente ao “bombardeio” de informações que recebe e despido de conexões que tornem esse processo suportável.

Sobre as mudanças trazidas pela *web* e pelos espaços virtuais nesse contexto, o artista considera que mais importante do que a liberdade da informação adquirida com esses ambientes, é a liberdade da forma, de praticar mutações e transformar o seu corpo, para que ele possa, assim, absorver a quantidade de informações que transitam nos ciberespaços (STELARC, 1995).

Entender o corpo obsoleto como objeto central do projeto de Stelarc é um passo importante para compreender a ampliação da consciência de mundo como resultado do processo de reconfiguração corporal, pois ao alterarmos a estrutura de um corpo, naturalmente ele reajustará seu alcance. Stelarc afirma em seu *site* que, em um passado recente, vivemos um período voltado ao psicossocial, em que o corpo girava em torno de si, investigando-se a si mesmo em uma subjetividade centralizadora. Agora, o que ocorre é que o corpo, obsoleto, separa-se desta subjetividade antiga para redeterminar sua configuração e reprojeter a sua estrutura. Vem daí, portanto, a afirmação de Stelarc citada anteriormente¹⁴: “O corpo está obsoleto. Estamos no fim da filosofia e da fisiologia humana. O pensamento humano recua para o passado” (STELARC, *site* oficial, tradução nossa). O próprio artista explica por que estamos chegando, ao mesmo tempo, ao fim dessas duas noções:

Nossas ações e ideias são essencialmente determinadas por nossa fisiologia. Estamos nos limites da filosofia, não apenas porque nós estamos nos limites da linguagem. A filosofia é fundamentalmente baseada em nossa fisiologia (STELARC, *site* oficial, tradução nossa).

O ponto central da pesquisa de Stelarc está, dessa forma, além de um campo estético ou puramente tecnológico. É, também, filosófico, com fortes questionamentos “de vida” e “morte”. Stelarc trata de questões como a decomposição orgânica do corpo e o surgimento de um novo ser nascido da própria reconfiguração humana. Um ser híbrido, mais adaptado ao ambiente. O artista aponta o cérebro como a “peça” mais complexa, poderosa e sofisticada do corpo, e defende que deve haver uma mutação física/sintética para que possamos nos tornar fisicamente melhores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Stelarc, o corpo deve ser observado como mídia; como lugar onde os processos de transformação e renovação se tornam visíveis. Segundo o artista, é no organismo

também que as inquietações filosóficas reverberam, pois é ele nosso aparato social. Nesse contexto, o ser humano sente-se hoje persuadido pelos meios de comunicação, pela propaganda e pela própria cultura contemporânea a tirar da vida o máximo de prazer, juventude e saúde que ela puder proporcionar, pelo maior período de tempo possível. Espera-se dela também um corpo que suporte tudo isso, preferencialmente com um belo “design”.

Incompatível com esse desejo de intensidade e eternidade, no entanto, o que se encontra é a propriedade decadente da fisiologia orgânica e da carne, que não acompanham tal sensibilidade e degradam-se com o passar do tempo. Stelarc vê o corpo, assim, como uma espécie de aparelhagem defeituosa, incoerente com a filosofia atual. Há, no ar, um tipo de inconformismo com o impacto da pressão e do tempo sobre a carne. Essa degradação só acontece, porém, porque, segundo o artista, o organismo humano tem sido desde sempre uma estrutura biológica de má arquitetura.

Mas existe uma alternativa, sugerida e defendida por Stelarc: a simbiose homem-máquina, entendida como uma hibridização entre interfaces úmidas - a carne - e sintéticas - a tecnologia. Segundo o australiano, a tecnologia contribuiria para a ampliação das capacidades funcionais do corpo e o tornaria uma estrutura adaptável à vida e ao tempo. Poderíamos, como ciborgues, repor “peças” problemáticas e aumentar a potência motora e física do corpo.

Através de uma produção performática metalinguística, Stelarc transforma o corpo, objeto central de questionamento, na própria ferramenta de expressão de suas inquietações. Chama, assim, atenção para a obsolescência corpórea ao mesmo tempo em que se apresenta o potencial de reorganização e de rearquitetura de nosso instrumento de vida. Esticada, rasgada e redesenhada, a pele mostra seu limite espacial nas obras do australiano. Submetido a acoplagens tecnológicas, extensões metálicas e articulações, o corpo recebe possibilidades de rearquitetura idealizadas pelo artista na tentativa de demonstrar até onde o organismo feito de carne vai, e até onde um corpo híbrido poderia chegar.

Body and biotechnology: the quest of human boundaries in Stelarc**ABSTRACT**

A result from a monograph research, this article analyses the contemporary concepts that guide the proposal of Australian artist Stelarc, and his vision of the human body, having as guiding principle the relationship between body, biotechnology and art. The intention is to contribute to the discussion about the attendance of technology as an accelerator of the concerns of contemporary man to his body, having the artistic production of Stelarc as an example of this phenomenon. The concept of body is investigated in this process. Finally, this concept is applied to artistic production of Stelarc in analyzing the basic premise of his work: "the human body is obsolete". The result is the verification of the body as a place of reflection and art as an entity that promotes, advances and exposes this reflection by discussing the growing presence of technology in all spheres of life.

Keywords: Stelarc. Body. Biotechnology. Art.

Cuerpo y biotecnología: la búsqueda de los límites humanos en Stelarc**RESUMEN**

Resultado de una investigación monográfica, este artículo analiza los conceptos contemporáneos que orientan la propuesta artística del australiano Stelarc, y su visión del cuerpo humano, teniendo como principio rector la relación entre cuerpo, biotecnología y arte. La intención es contribuir a la discusión sobre la irrupción de la tecnología como un acelerador de las preocupaciones del hombre contemporáneo con su cuerpo, teniendo la producción artística de Stelarc como un ejemplo de este fenómeno. El concepto del cuerpo es investigado en este proceso. Por último, este concepto es aplicado a la producción artística de Stelarc en el análisis de la premisa básica de su trabajo: "el cuerpo humano es obsoleto." El resultado es la verificación del cuerpo como un lugar de reflexión y del arte como una entidad que promueve los avances y expone esta reflexión al discutir la creciente presencia de la tecnología en todas las esferas de la vida.

Palabras claves: Stelarc. Cuerpo. Biotecnología. Arte.

REFERÊNCIAS

ARTISTA implanta orelha em braço e cria polêmica. *Terra*. 12 out. 2007. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI1984403-El1141,00.html>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

EXTENDED-Body: Interview with Stelarc. *CTheory*. 1995. Disponível em: <<http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=71>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade Tecnológica*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

FOUNTAIN, Henry. Pessoas também ouvem com a pele, diz estudo. **Folha Online**. 3 dez. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u661073.shtml>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

GONÇALVES, Sandra. Corpo e salvação contemporânea. **Verso e Reverso**. Ano 23 - 2009/2, n. 53. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=17&s=9&a=142>>. Acesso em: ago. 2010.

KUREISHI, Hanif. **O Corpo e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LABRA, Daniela. Stelarc: próteses robóticas e o corpo vazio. **Incubadora**. n. 6. 2007. Disponível em: <<http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.rede/numero/rev-numero6/seisdanilabra>>. Acesso em: ago. 2010.

LOPES ARAÚJO, Virgínia. O corpo na Idade Média se entrega ao desejo na literatura. **Aedos**, ano 2, vol. 2. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9842/5678#_edn1>. Acesso em: 30 ago. 2010.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Corpo e comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org^a). **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividades e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

STELARC. Arte na Fronteira da Tecnologia - O humano "ampliado" no século XXI - Entrevista para o site **Janela na Web**. jan. 2001. Disponível em: <<http://janelanaweb.com/digitais/stelarc.html>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

_____. The Body is Obsolete. Entrevista com Stelarc. **Contemporary Arts Media**. 2005. Disponível em: <<http://www.artfilms.com.au/Detail.aspx?ItemID=220#>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

STELARC. Site Oficial. Disponível em: <<http://web.stelarc.org/index2.html>>. Acesso em ago. 2010.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vega, 1999.

¹ No artigo "A Síndrome de Frankenstein", publicado no livro **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**, organizado por Denise Bernuzzi de Sant'Anna (1995), David Le Breton fala com propriedade dessa condição corporal do homem. Segundo ele, a existência do homem e a sua definição como ser humano estão intrinsecamente ligadas às suas formas corporais. Qualquer modificação em sua forma acaba por compor, condicionalmente, outro conceito de sua humanidade.

- ² MIRANDA, 1997, apud TUCHERMAN, 1999, p. 92.
- ³ No romance “O Corpo”, de Hanif Kureishi (2004), vive-se em uma realidade social extremamente estratificada, na qual os mais ricos têm a oportunidade de transplantar seu cérebro para corpos mais jovens sempre que sentirem seu corpo atual envelhecido, ameaçado. O corpo, nesse contexto literário, é chamado pelos cientistas encarregados do processo de transplantação de “equipamento”.
- ⁴ Lembre-se da luxúria, considerada um dos sete pecados capitais.
- ⁵ São Gregório I (540 - 12 de março de 604) foi Papa de 590 até a data de sua morte. Era monge da Ordem de São Bento. (LOPES ARAÚJO, 2009).
- ⁶ Nascido em 1946, em Limassol, no Chipre, Stelarc mudou-se para a Austrália, onde vive atualmente. Estudou Artes e Artesanato na T.S.T.C. (Texas State Technical College), Artes e Tecnologia no California Institute of Technology e no M.R.I.T. (The Royal Melbourne Institute of Technology). Atualmente, é pesquisador titular do Performance Arts Digital Research Unit da The Nottingham Trent University, em Nottingham, além de pesquisador convidado e artista residente no MARCS Auditory Laboratories, da University of Western Sydney, na Austrália, e titular em Artes Performáticas na School of Arts, da Brunel University West London, no Reino Unido. (Disponível em: <<http://v2.stelarc.org/projects.html>>. Acesso em: 31 ago. 2010.)
- ⁷ O artista utiliza com frequência o termo “to upgrade” quando refere-se à necessidade de atualização corporal humana, aproximando o corpo da linguagem tecnológica associada a computadores e *softwares*.
- ⁸ Rituais em que o corpo é perfurado em diversas partes por ganchos de açougueiro e suspenso por um determinado tempo, que depende do peso do corpo, do número de ganchos utilizados e da posição em que o corpo é suspenso. (PIRES, 2005, p. 122).
- ⁹ Ver notícia: “Artista implanta orelha em braço e cria polêmica”. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI1984403-EI1141,00.html>>. Acesso em: 31 ago. 2010.
- ¹⁰ Cabe salientar que, não sendo visto como dotado de um gênero, o corpo defendido por Stelarc não se torna alvo da crítica feminista no âmbito da cibercultura.
- ¹¹ Trecho de entrevista gravada em vídeo para o documentário *Stelarc - The Body is Obsolete*. Disponível em: <<http://www.artfilms.com.au/Detail.aspx?ItemID=220#>>. Acesso em: 31 ago. 2010.
- ¹² Repare que novamente o artista utiliza um termo totalmente relacionado à manipulação de máquinas e dispositivos eletrônicos para se referir ao corpo, ou seja, o corpo de que estamos tratando nesse contexto já não existe mais como entidade humana.
- ¹³ Um artigo publicado recentemente na revista científica *Nature* divulga a descoberta feita pelos pesquisadores Bryan Gick e Donald Derrick, da University of British Columbia, de que é possível ouvir e identificar sons através da pele, absorvendo-os pelos poros. Reservadas as proporções, a identificação dos sinais é obviamente muito mais clara na audição realizada pelos ouvidos, mas a descoberta mostra-se importante para estudos sobre a integração dos sentidos. Contrariando os ideais de Stelarc, Bryan Gick afirma: “nós somos essas fantásticas máquinas de percepção capazes de absorver todas as informações disponíveis e as integramos perfeitamente”. Ver Fountain (2009).
- ¹⁴ Citação de Stelarc no início da parte 5 deste artigo: “Stelarc e o corpo obsoleto”.

